



A IMPONÊNCIA E A IMPORTÂNCIA DE CESAREIA MARÍTIMA CONFORME *ATOS* E A ARQUEOLOGIA¹

The magnificence and importance of Caesarea Maritima in Acts and archeology

Cesar Motta Rios²

RESUMO

Neste ensaio, proponho uma apresentação da cidade de Cesareia Marítima a partir de leituras de trechos do livro de Atos e de uma consideração de estudos arqueológicos recentes. Pretendo contribuir para uma melhor visualização do cenário e do contexto cultural em que se desenrolam certas passagens bíblicas. Ademais, ao longo do percurso, as leituras de trechos pertinentes do livro de Atos demonstram a importância dos acontecimentos que têm a cidade como palco. Como resultado, estarão evidenciadas a relevância de Cesareia para o cristianismo incipiente e a importância da arqueologia para seu estudo.

Palavras-chave: Cesareia Marítima. Arqueologia. Atos. Herodes.

ABSTRACT

In this essay, I propose an introduction to Caesarea Maritima through the reading of key

¹ Artigo recebido em 31 de maio de 2016, e aprovado pelo Conselho Editorial em reunião realizada em 15 de junho de 2016, com base nas avaliações dos pareceristas *ad hoc*.

² Cesar Motta Rios é Doutor em Literaturas Clássicas e Medievais (UFMG), com pós-doutorado em Filosofia Antiga (UFMG). Dedicou-se aos estudos da Bíblia Hebraica, do Judaísmo do Segundo Templo e do Cristianismo Antigo. Atualmente, participa do Núcleo de Estudos de Hebraico (EST), e cursa Bacharelado em Teologia (ULBRA/Seminário Concórdia) com propósito eclesialístico. E-mail: cesarmottarios@gmail.com

passages of the book of Acts and the consideration of recent archaeological studies. I aim to foment a better visualization of the concrete scenery and cultural context in which certain biblical passages take place. Moreover, throughout this exposition, the reading of pertinent passages in the book of Acts illustrates the relevance of events that have the city as its stage. As a result, it will be evident the relevance of Caesarea for incipient Christianity, as well the importance of the archaeology for its study.

Keywords: *Caesarea Maritima. Archaeology. Acts. Herod.*

INTRODUÇÃO

A cidade de Cesareia Marítima não é mencionada nos Evangelhos canônicos. Mas isso não deve gerar em nós a ideia de que a cidade tenha pouca importância para o cristianismo nascente. Primeiramente, ela pode nos revelar algo sobre um homem importante para o contexto histórico como um todo. O responsável pela construção da cidade foi Herodes, o Grande.

Antes da construção, havia ali uma localidade chamada Torre de Straton. Cogitou-se que a Torre de Straton teria sido fundada por fenícios, mas é razoável a proposta de que a cidade tenha origem ptolomaica. Cerâmica helenística do segundo século a.C. foi encontrada em considerável quantidade³. Para o presente texto, é importante acrescentar que, após a vitória de Otaviano sobre Marco Antônio, o novo imperador romano não só mantém o poder de Herodes sobre a Judeia, como também aumenta o território sob seu governo, acrescentando, entre outras localidades, a Torre de Straton (*A.J.*⁴ 15.217).

Herodes (73 a.C. – 4 a.C.) é um personagem controverso. Muitos historiadores o classificam como não-judeu: Herodes, o idumeu. Contudo, tecnicamente, como seu pai nasceu após a vitória de João Hircano I sobre os idumeus e subsequente conversão deles, ele é sim judeu. Considerava-se tal, bem como o povo idumeu em geral, ainda que houvesse posições discrepantes a esse respeito⁵.

A maior parte da informação que dispomos a respeito de Herodes

³ PATRICH, Joseph. Herodian Caesarea: the urban space. In: KOKKINOS, N. (Ed.) **The world of the Herod**. Stuttgart: Franz Steiner Verlag, 2007, p. 97-98.

⁴ Utilizo, ao longo deste trabalho, as seguintes abreviaturas para as obras de Flávio Josefo: AJ para Antiquidades Judaicas e BJ para Guerra Judaica.

⁵ ZEITLIN, Solomon. Herod: a malevolent maniac. In: **The jewish quarterly review**, vol. 54, No. 1 (1963), p. 4-8.

provém de Flávio Josefo. E é preciso considerar que ele parece usar fontes contraditórias e, nem sempre, comunica fatos de modo unívoco. Atentando para isso e considerando detalhes, Zeitlin conclui que Herodes era um tirano cruel, incompassivo e temeroso de todos, que não media esforços para manter seu poder intacto⁶. Esse poder, Herodes o conseguiu oferecendo colaboração aos romanos de modo estratégico. Na verdade, seu pai Antipater, foi quem primeiro conseguiu ser beneficiado por serviços prestados aos romanos.

Uma questão surge quando nos deparamos com a arquitetura greco-romana de Cesareia e de outras edificações herodianas: por que investir em semelhanças difíceis de se conseguir e em tantas homenagens aos líderes romanos? Seria para conseguir o favor de César? César se impressionaria com as obras desse pequeno governante da Judeia? Erich Gruen não julga razoável responder afirmativamente a essas duas últimas questões. Segundo sua sugestão, Herodes investiria tanto em homenagens e espelhamentos de Roma para que isso fosse visto por seus próprios conterrâneos, de modo que possíveis opositores se lembrassem constantemente do fato de que ele contava com o apoio do imperador⁷. Herodes confiava no império como fonte e centro de manutenção da estabilidade de seu poder, e construía sua propaganda a partir dessa concepção⁸.

Contudo, além de nos dizer algo sobre Herodes, Cesareia Marítima também deve ser considerada importante por ter sido palco de acontecimentos marcantes do livro de Atos. Esses episódios serão aproveitados a seguir. Primeiramente, assinalarei referências à cidade em geral. Em seguida, observarei as menções ao porto. Por fim, conduzir-nos-ei ao palácio. Nessa pequena jornada, um importante guia será a arqueologia⁹. Ela nos poderá mostrar o que não

⁶ ZEITLIN, 1963, p. 26-27.

⁷ GRUEN, Erich. Herod, Rome, and the Diaspora. In: JACOBSON, D. and KOKKINOS, N. **Herod and Augustus**: papers held at the IJS Conference, 21st – 23rd June 2005. Leiden: Brill, 2009, p. 18.

⁸ É compreensível que alguém que investira tanta pedra e concreto em seu projeto de poder reagisse impulsiva e cruelmente contra a possibilidade de um rei menino anunciado por homens do oriente, um garoto cuja fonte de poder estaria além de seu alcance teria que ser aniquilado para que se garantisse a perpetuação de sua dinastia. Ele entenderia que, se os sábios do oriente estivessem certos, suas estratégias não seriam aplicáveis nesse novo cenário. O relato mateano da matança dos inocentes não é, pois, construção inverossímil.

⁹ Antes dos esforços arqueológicos em Cesareia, os viajantes que passavam pelo lugar não viam muito além de uma parte do teatro e uma curiosa piscina retangular cortada

conseguiríamos visualizar por nós mesmos, fosse pela narrativa canônica, fosse por fotos, vídeos ou mesmo presencialmente. Ao mesmo tempo, atentarei para o texto em si, como um sítio a ser continuamente revisitado e explorado, de modo que a poeira de leituras anteriores ou de nossas próprias leituras apressadas não ocultem seus possíveis contornos inesperados, complexos e polissêmicos.

1 UMA VISÃO PANORÂMICA DA CIDADE

No relato de Atos, o primeiro personagem a ir até Cesareia é o evangelista Filipe. Depois do episódio com o eunuco etíope, ele se encontra em Azoto. Anuncia a boa nova enquanto passa por todas as cidades (διερχόμενος εὐηγγελίζετο τὰς πόλεις πάσας) até ter chegado a Cesareia (ἔως τοῦ ἔλθειν αὐτὸν εἰς Καισάρειαν) (At 8.40). A construção da frase parece sugerir que Cesareia seria seu destino final. E, de fato, Filipe é deixado pela narrativa ali, e somos levados ao caminho de Damasco para vermos a Saulo cair do cavalo. O mesmo Saulo nos fará encontrar novamente Filipe anos mais tarde, morando ainda em Cesareia com suas quatro filhas (At 21.8-9).

Antes disso, contudo, Pedro chega à cidade. Ele se encontrava em Jope, e vem a Cesareia a convite de Cornélio, centurião romano, assim como Filipe vem do sul. Então, ao se aproximarem dali, ambos teriam visto seu muro curvo, e, eventualmente, escutado o som de alguma apresentação em andamento no teatro, que está bem perto do muro no extremo sul da cidade. O que poderiam escutar do teatro estaria bem em dia com o que se apresentava em outras cidades do império. Uma máscara em pedra com a boca fechada, datada de meados do século I a meados do século II d.C., foi encontrada por ali. Provavelmente, ornamentava o teatro fazendo referência a um gênero que seria comum ali, a *pantomima*¹⁰. Tratava-se de um espetáculo de gestos, mímicas e coreografias bem-humoradas ao som de música, muito popular no primeiro século da Era Cristã.

na rocha, que os locais chamam de “banhos de Cleópatra” ou simplesmente “piscina” (GLEASON, Kathryn. The Promontory Palace at Caesarea Maritima: Preliminary Evidence for Herod’s Praetorium. In: **Journal of Roman Archaeology**, v. 11, (1998), p. 23-52).

¹⁰ CAPORUSSO, Donatella et al. **De Gerusalemme a Milano: Imperatori, filosofi e dèi alle origini del Cristianesimo**. Milano: Civico Museo Archeologico di Milano, 2013, p. 32.

Após passarem perto do teatro, ao entrarem na cidade, em contraste com o muro curvo, Filipe e Pedro viram ruas retas com largura padrão de cinco metros, separando quarteirões com ângulos retos nos quatro cantos¹¹. Pedro teria ido direto para a casa de Cornélio, que não sabemos onde estaria. Sobre o destino de Filipe, nada sabemos. Ele já tinha casa ali? Comprou ou alugou uma?

Logo na chegada, veriam em posição elevada o templo dedicado a César. Se, em Jerusalém, havia menos tolerância com o politeísmo ou com o culto imperial, a situação é bem diferente em Cesareia. É bom lembrar, entre outros, do episódio em que Pilatos coloca ícones de César em Jerusalém durante a noite, o que provoca reação imediata dos judeus, de modo que o governante manda logo que sejam retirados (*B.J.* 2.169-174). E ainda mais significativo para nossa reflexão é o caso dos escudos registrado por Filon de Alexandria. Pilatos teria disposto no palácio de Herodes em Jerusalém alguns escudos dedicados a César. A reação dos judeus culminou no envio de uma embaixada a Tibério César. O imperador encontra uma solução para o caso: os escudos deveriam ser retirados de Jerusalém e enviados justamente para o templo de César em Cesareia. A solução teria a virtude de resguardar das duas coisas: a honra (τιμή) ao imperador e os costumes antigos (ἀρχαία συνήθεια) da cidade [de Jerusalém] (*Embaixada a Calígula* - 305).

Cesareia se volta para o Mediterrâneo e reflete o que vê em Roma, Atenas e Alexandria, dando as costas para a cidade de Davi e suas restrições. Tanto é assim que não só César seria cultuado ali. Há evidência de que *Týkhe*-Amazonas já fosse cultuada na cidade desde o período os apóstolos¹².

Também o imperador Tibério parece ter tido algum lugar de culto a ele dedicado na cidade nos tempos de Pilatos. Um dos grandes achados arqueológicos de Cesareia é uma pedra de 88cm de altura por 66cm de largura com uma breve inscrição, que nomeia uma edificação como *Tiberieum*¹³. Essa pedra foi encontrada no teatro, não era originalmente dali, mas foi reaproveitada em uma restauração ali empreendida no século IV. Não se sabe ao certo o que era o *Tiberieum* mencionado na inscrição, mas parece tratar-se de um espaço de devoção a esse imperador¹⁴.

¹¹ PATRICH, 2007, p. 104.

¹² PATRICH, 2007, p. 108.

¹³ Trata-se da única evidência arqueológica da existência de um governante na Judeia chamado Pôncio Pilatos.

¹⁴ PATRICH, 2007, p. 116. Existe também a hipótese de que se tratasse de um farol

Filipe e Pedro poderiam ter passado pelo *Tiberieum* e, possivelmente, visto a inscrição encomendada por Pilatos. Ainda que se trate de hipótese imaginativa, isso nos lembra que eles estariam constantemente lembrados pelo entorno de que o poder constituído não lhes era favorável. A beleza da cidade não era perturbada somente pelo culto a outros que não ao Deus de Israel, mas também pela tensão que a proximidade do poder podia produzir.

Para complicar, Pedro vai justamente a um representante do poder imperial. Ele se recusaria a ir até ali, não fosse mensagem sobrenatural que recebe ainda em Jope (At 10.9-17). Uma questão que surge é por que Cornélio teria que recorrer a Pedro se Filipe morava logo ali na vizinhança dele? Não é pouco razoável suspeitar que a importância do fato que estava por acontecer, a descida do Espírito Santo sobre os gentios, requeria a presença de um apóstolo influente, para que o que era comunicado pelo evento repercutisse rápido e com confiabilidade entre os outros discípulos¹⁵.

Cesareia é importante por ser o palco para essa demonstração do Espírito. E não parece ser por acaso que aconteça ali e com um centurião romano. Cesareia é uma perfeita cidade gentílica encravada na terra de Israel. Sua arquitetura e suas instituições indicam isso. Por outro lado, Pedro age como um judeu rigoroso, que enfatiza (se não amplifica) a interdição existente para um judeu (ou certo tipo de judeu) de ter contato com alguém de outra etnia (At 10.28). Parece conveniente que o pregador venha de fora como um separado, e não seja Filipe, que já habitava a muito a misturada Cesareia. A oposição radical é realçada na apresentação do encontro desse judeu radical com o líder romano justamente para que a resolução seja também bem realçada. Trata-se de um momento decisivo, um “ponto de viragem”¹⁶. E esse episódio de mudança no rumo dos acontecimentos é tão

dedicado ao imperador (CAPORUSSO, 2013, p. 31).

¹⁵ É possível, também, lembrar o papel que Pedro desempenhara em Samaria no capítulo 8 de Atos. O mesmo Filipe havia batizado certos samaritanos, que não receberam o Espírito Santo até que Pedro viesse impor-lhes as mãos. Isso pode sugerir que, na narrativa de Atos, Pedro figure como um indivíduo especialmente separado como meio de compartilhamento do Espírito (cf. MCCOLLOUGH, David J. **Ritual Water, Ritual Spirit: An Analysis of the Timing, Mechanism, and Manifestation of Spirit-Reception in Luke-Acts**. 2014, p. 247f. Dissertation (PhD) - Middlesex University/London School of Theology, London, p. 172; 177; 185-186).

¹⁶ CARVALHO, José C. A marca de Cesareia Marítima na história do Novo Testamento e na missão paulina. In: **Revista Humanística e Teologia**, [referência incompleta??] v. 19 (1998), p. 284. Que o grande tema do relato se resume no fato de os gentios serem

marcante que, nele, temos também a única verdadeira mudança apresentada pelo narrador no apóstolo Pedro. E isso acontece em uma obra que, por seu próprio gênero, tende a não apresentar variações nos personagens que insere na narrativa¹⁷.

É interessante o encerramento do episódio na cidade. A decisão pelo batismo é seguida por um convite de permanência, que parece ter sido aceito (At 10.48). É razoável pensar que a estadia de Pedro em Cesareia tenha tido uma finalidade catequética. Cornélio podia estar informado a respeito da fé de Israel, e tinha alguma noção inicial sobre o Cristo a partir do discurso de Pedro, mas carecia de mais instrução.

Pedro, com suas restrições, não parece o tipo que aproveitaria a curta temporada em Cesareia para conhecer o “hipo-estádio”¹⁸, uma verdadeira arena multiuso paralela ao mar, e assistir alguma das variadas formas de entretenimento ali realizáveis: corridas de cavalo e lutas ao gosto helenístico, bem como combates de gladiadores e espetáculos de caça ao gosto romano¹⁹. Ele não se desliga de sua tarefa. Tanto é assim, que subirá logo a Jerusalém e enfrentará a opinião de outros judeus tão rigorosos quanto ele (At 11.1-3).

É curioso como a notícia da permanência de Pedro na casa de Cornélio tenha sido levada aos judeus de Jerusalém. Certamente, outros judeus habitantes de Cesareia o teriam notado. Afinal, Cornélio muito provavelmente tinha um bom

incluídos pelo Espírito Santo fica evidente em 11.45. O que causa espanto nos judeus fiéis que acompanham Pedro não é o evento em si, mas o fato de que o evento ocorre com gentios (McCOLLOUGH, 2014, p. 177).

¹⁷ ADAMS, Sean. The Characterization of Disciples in Acts: Genre, Method, and Quality. In: DICKEN, F. and SNYDER, J. (eds.) **Characters and Characterization in Luke-Acts**. New York: Bloomsbury, 2016, p. 155-89.

¹⁸ O termo é proposto por Patrich (PATRICH, Joseph. Herod's Hippodrome-Stadium at Caesarea and the Games Conducted Therein. In: RUTGERS, L. (Ed.) **What Athens has to do with Jerusalem: Essays on Classical, Jewish, and Early Christian Art and Archaeology in Honor of Gideon Foerster**. Leuven: Peeters, 2002, p. 29-68), que escavou parte da estrutura, especialmente a área em que se encontram os portões de onde saíam os competidores hípicas para a corrida. Y. Porath, que também escavara no local, reage em discordância, e propõe que se deva dizer que se trata de um *circus* (PORATH, Y. Herod's Circus at Caesarea: a response to J. Patrich. In: **Journal of Roman Archaeology**, v. 16, 2003, p. 451-455). O argumento comparatista de Patrich, já apresentado em 2002 e reforçado posteriormente (PATRICH, Joseph. More on the Hippodrome-Stadium of Caesarea Maritima: a response to the comments of Y. Porath. In: **Journal of Roman Archaeology**, v. 16, 2003, p. 456-459.) é bem consistente.

¹⁹ PATRICH, 2002, p. 36-37.

relacionamento com eles²⁰. Havia uma sinagoga na cidade, a qual é mencionada por Josefo (*B.J.* 2.285). Sua localização exata, contudo, é discutível, já que a sinagoga ali identificada arqueologicamente data do século IV, sem que haja certeza sobre o uso do lugar nos séculos anteriores²¹. Também, é importante a informação de que a comunidade judaica não tinha uma parte definida da cidade para habitar, mas se misturava com os gentios pelos quarteirões de Cesareia²².

Em Jerusalém, Pedro explica aos demais discípulos o que ocorrera em Cesareia, e o desfecho da crise é positivo. Ele não retorna a Cesareia, mas há algo interessante no decorrer da história. Logo, Herodes Agripa o manterá preso para agradar os judeus insatisfeitos com o novo grupo messiânico que surgira entre eles. Não obstante, o apóstolo será miraculosamente libertado do cárcere. Agripa, frustrado, descerá para Cesareia. Ali, encontrará seu desfecho trágico. Segundo o livro de Atos, ele ouve o povo de Tiro e Sidom o aclamando lisonjeiramente como divino. Por acolher isso, morre acometido por uma doença terrível (*At* 12.23). Josefo, por sua vez, nos informa exatamente onde ele tem o primeiro ataque de dor estomacal: no teatro (*A.J.* 19.344), aquele mesmo, perto do qual Pedro passara algum tempo antes, que estava tão em dia com as artes romanas e tão bem decorado e apetrechado²³.

2 CHEGADAS E PARTIDAS PELO SEBASTÓS, UM PORTO IMPENSÁVEL

Paulo devia conhecer muito bem o porto *Sebastós* construído por Herodes. A menção de passagem sua por ali está em *At* 9.30. Ele pregava

²⁰ A narrativa indica que Cornélio é um *temente a Deus* (φοβούμενος τὸν θεὸν). É possível entender que fosse um simpatizante da tradição judaica que não se submeteu à conversão de modo pleno, por meio da circuncisão inclusive, de modo a tornar-se um prosélito. Do contato com os judeus, que o tinham em boa consideração (cf. *At* 10.22), ele deve ter obtido instrução a respeito do Deus a quem temia. É conveniente lembrar *Lc* 7.1-10, em que o mesmo escritor nos conta de outro centurião bem relacionado com judeus da sinagoga de Cafarnaum.

²¹ PATRICH, 2007, p. 109.

²² PATRICH, 2007, p. 109.

²³ Também foram encontradas, no “*hiposcênio*”, em área datada do século I d.C., lâmpadas relativamente grandes (mais de 30cm de comprimento) bem decoradas, com duas chamas, e alça decorada. As mesmas seriam utilizadas para a iluminação do “*hiposcênio*” ou do próprio palco (CAPORUSSO, 2013, p. 36).

ousadamente em Jerusalém, mas alguns judeus de língua grega o queriam matar. Por isso, irmãos o conduziram (κατήγαγον, literalmente, “conduziram para baixo”) a Cesareia, e dali *o enviamam para Tarso* (ἐξαπέστειλαν αὐτὸν εἰς Ταρσόν). Justifica-se a ida a Cesareia se o percurso restante fosse feito via mar, navegando para o norte.

Já em sua segunda viagem missionária, Paulo chega a Cesareia pelo mar, vindo de Éfeso. Não parece ter permanecido na cidade costeira. Ao chegar, desce para Antioquia depois de subir e saudar a Igreja (ἀναβάς καὶ ἀσπασάμενος τὴν ἐκκλησίαν κατέβη εἰς Αντιόχειαν - At 18.22). Jerusalém não é mencionada, mas o movimento de subir é suficiente para indicá-la. Da mesma forma que de Jerusalém se desce para se chegar a Cesareia, como visto no caso do episódio de Atos 9, se sobe de Cesareia para ir a Jerusalém. Filipe estaria por ali, mas não há menção de visita alguma. Na próxima passagem pela cidade, haveria ocasião para isso.

Na próxima vez, Paulo chega a Cesareia voltando de longo percurso. O navio em que estava aporta primeiro em Tiro, para deixar ali uma carga. Eles encontram discípulos (τοὺς μαθητὰς)²⁴ na cidade e permanecem por sete dias (At 21.4). De volta ao barco, vão mais um pouco para o sul, e permanecem com os irmãos (τοὺς ἀδελφοὺς) de Ptolemaida por um dia (At 21.7). Só então, vão um pouco mais para o sul e desembarcam em Cesareia²⁵.

Desta vez, eles entram na casa de Filipe (οἶκον Φιλίππου - At 21:8) e ficam com ele (ἐμείναμεν παρ' αὐτῷ). E eles permanecem muitos dias (At 21.10). É nessa casa que um profeta vindo da Judeia comunica que Paulo seria preso pelos judeus em Jerusalém, e entregue nas mãos dos gentios (At 21.11). Ninguém dissuade Paulo, e eles sobem a Jerusalém (ἀνεβαίνομεν εἰς Ἱεροσόλυμα - At 21.15). É relevante o fato de que alguns dos discípulos (τῶν μαθητῶν) de Cesareia seguem com o grupo de Paulo, e o conduzem até a casa de um antigo discípulo (ἀρχαίῳ μαθητῇ) cipriota, onde pousariam (At 21.16). Os discípulos de Cesareia têm contatos com outros discípulos que moram em outras cidades. Há uma rede em formação. E essa rede realça o fato de que não há nada de estático nesse mundo

²⁴ Não é sem propósito que destaco neste passo do texto as formas que Atos usa para designar os fiéis. Essa informação será relevante para um argumento desenvolvido no tópico seguinte.

²⁵ Diferente do que se diz sobre o percurso entre Tiro e Ptolemaida, o texto não explicita que o deslocamento entre Ptolemaida e Cesareia foi feito por barco. Mas é o mais provável.

antigo. Temos um judeu de Tarso que passa por Cesareia, e que será levado à casa de alguém de Chipre em Jerusalém, cidade de onde, outrora, saíra fugindo de judeus que falavam grego.

Pois bem, a profecia de Ágabo se cumpre e isso faz com que Paulo volte a Cesareia como prisioneiro. De lá, sai pelo porto novamente, rumo a Roma.

O apóstolo usa o Sebastós pelo menos por quatro vezes. Parece um porto bem ativo. Há quem entenda que sua importância era tanta que se tratava de um porto vital para a estratégia romana para o Mediterrâneo, planejada por César Augusto²⁶. Gil Gambash²⁷ argumenta contra essa hipótese, tentando demonstrar que o porto nunca foi muito valorizado pelos romanos, não tendo sido usado para importantes campanhas militares, não sendo utilizado como ponto de parada de navios que levassem cereais de Alexandria a Roma²⁸, não dispoñdo de grandes depósitos para cereais (de modo a ser um centro de distribuição)²⁹, nem mesmo

²⁶ BEEBE, K. Caesarea Maritima: Its Strategic and Political Significance to Rome. In: **Journal of Near Eastern Studies**, v. 42, n. 3, (1983), p. 195-207. O artigo de Beebe explicita bem os motivos que César Augusto teria para se interessar por um porto na região. Não obstante, é notável o caráter hipotético dos argumentos, não havendo evidência arqueológica ou textual diretamente relacionada.

²⁷ GAMBASH, Gil. Caesarea Maritima and the Grand Strategy. In: **Skyllis: Zeitschrift für Unterwasserarchäologie**, 13. (2013), p. 53-58.

²⁸ Geralmente, considera-se que os navios carregados de grãos partiam de Alexandria e navegavam para o Norte costeando o Levante. Nesse caso, a parada em Cesareia poderia ser importante. Gambash encontra em um diálogo de Luciano de Samosata um argumento contrário a essa concepção. Um grupo de personagens navegava de Alexandria a Roma. Por causa de uma tempestade, tiveram que aportar no Pireu. Com base no tempo que os personagens dizem que levaria a viagem em condições normais, é possível deduzir que o navio tomava um curso via alto mar, e não junto à costa, o que faria gastar um período muitíssimo maior (GAMBASH, 2013, p. 56). O ponto favorável ao argumento de Gambash está na data dessa fonte textual, já que Luciano escreve em meados do século II d.C., sendo testemunha relativamente próxima do tempo de Herodes. O problema reside na natureza dos escritos de Luciano, que não visam nenhum rigor historiográfico. Pelo contrário, Luciano goza conscientemente de pura liberdade criativa em sua produção, no que se difere do historiador (BRANDÃO, Jacyntho L. A “pura liberdade” do poeta e o historiador. In: **Ágora: Estudos Clássicos em Debate**, 9 (2007), p. 9-40).

²⁹ Foram encontrados muitos depósitos para grãos, inclusive com a presença de *dolia pithoi*, grandes ânforas para estocagem desse tipo de produto. Contudo, de tudo que se encontrou, pouco ou nada pode ser datado com segurança como oriundo do século I d.C.. Parte tem sido atribuída ao período romano tardio, mas a grande maioria desses espaços, que são muitos, datam já do período bizantino (PATRICH, Joseph. Warehouses and Granaries in Caesarea Maritima. In: RABAN, A. and HOLUM, K. G. (eds.) **Caesarea Matitima: A Retrospective after two Millennia**. Leiden: Brill, 1996).

tendo sido bem cuidado pelos governantes romanos que assumiram o controle direto da região pouco depois da morte de Herodes.

Contrariamente, o que leva muitos quase que forçosamente a suspeitarem de uma importância do porto no âmbito do império é provavelmente sua grandeza. Josefo considera seu tamanho comparável ao do Pireu de Atenas (*A.J.* 15.332), chegando a dizer que é maior que o porto grego (*B.J.* 1.410). Mais que as evidências textuais, contudo, os vestígios arqueológicos testemunham sobre a grandeza da obra. Construir um porto onde não há uma baía que contenha as ondas, fazendo com que se quebrem longe da praia, não é tarefa fácil. É preciso edificar barreiras artificiais que contenham a força das ondas, de modo que os barcos possam entrar nas águas protegidas e profundas do porto, para ancorarem em segurança. A solução é bastante lógica, mas sua implementação é assustadoramente complexa. O mar em constante movimento, com sua água que tudo tenta desmanchar, faz com que a tarefa não seja somente trabalhosa como erguer uma muralha. Material e meios precisam ser específicos.

Uma das técnicas utilizadas consiste na construção de armações com madeira já submersas, que são preenchidas com concreto posteriormente. Nas áreas mais profundas, devido à impossibilidade da confecção das armações já submersas, são usadas armações flutuantes, que afundam no local desejado à medida que são preenchidas³⁰. Obviamente, essa operação requeria muitos trabalhadores e recursos. Ainda mais que a complexidade técnica, porém, o que torna o empreendimento notável é o material utilizado e a logística necessária para obtê-lo.

O concreto marítimo precisa se solidificar dentro da água. Para isso, era usado na mistura um componente chamado *pozzolana*, um tipo de pó remanescente de erupções vulcânicas. O problema é que não havia disso nas terras da Judeia, pelo que Herodes teve que receber o material vindo da Itália. Outro

Não é de todo impossível que o uso de áreas como depósito fosse real também no século I d.C., mas não há (ainda?) evidências a favor dessa hipótese. Como a região de Sharon, em que se situa Cesareia, é reconhecida como produtora de grãos, não seria estranho que parte da produção saísse pelo porto. Mas, além da inexistência de vestígios arqueológicos seguros, Josefo não menciona nenhuma estrutura própria para isso (PATRICH, 1996).

³⁰ Cf. HOHFELDER, R.; BRANDON, C.; OLESON, J. Constructing the Harbor of Caesarea Palaestina, Israel: New Evidence From the ROMACONS Field Campaign of October 2005. In: **The International Journal of Nautical Archaeology**, 36.2. (2007), p. 410.

problema reside na necessidade de uma enorme quantidade do material para a construção do porto. Pela quantidade utilizada de concreto, calcula-se que tenham sido necessárias 52 mil toneladas de *pozzolana*, o que requeria mais de cem cargas completas de navios vindos da Itália³¹.

É compreensível que a construção desse porto colossal, o maior construído em mar aberto até então, tenha demorado quase uma década (23 – 15 a.C.). E é, em alguma medida, irônico que o apóstolo Paulo utilize essa estrutura produzida com dedicação por aquele que tentara matar seu Messias enquanto infante. Contudo, embora o porto estivesse em perfeito estado e plena operação nos dias de Paulo, algum tempo depois, ele entraria em decadência. Hohfelder, Brandon e Oleson perceberam que a qualidade do concreto marítimo utilizado em Cesareia não era tão alta quanto do utilizado em portos por eles estudados na Itália³².

Essa diferença qualitativa associada a desastres naturais não traria bons resultados. Um estudo de Reinhardt e equipe demonstrou que um tsunami ocorrido no início do século II d.C. contribuiu seriamente para a destruição do porto³³. Mais recentemente, Goodman-Tchernov e Austin Jr. corroboraram essa conclusão por meio da análise de um levantamento sísmico de alta resolução realizado na área do porto, e enfatizaram o fato de que, quando houve o primeiro tsunami, provavelmente no início do século II d.C., o porto estaria praticamente intacto³⁴. Em seguida, os autores assinalam que os vestígios indicam que o porto estava muito degradado quando ocorreu outro tsunami, em 749 d.C.³⁵. Canais de recuo de água aparecem em área que deveria estar completamente bloqueada pela estrutura de concreto. Ou seja, já havia partes abertas naquelas muralhas submersas.

É significativo que, nos tempos dos apóstolos, a cidade contava com

³¹ HOHFELDER, 2007, p. 414.

³² HOHFELDER, 2007, p. 414.

³³ REINHARDT, E. et ali. The tsunami of 13 December A.D. 115 and the destruction of Herod the Great's harbor at Caesarea Maritima, Israel. In: **Geology**, v. 34, no. 12, (2006), p. 1064.

³⁴ GOODMAN-TCHERNOV, B. N. and AUSTIN JR., J. A. Deterioration of Israel's Caesarea Maritima's ancient harbor linked to repeated tsunami events identified in geophysical mapping of offshore stratigraphy. In: **Journal of Archaeological Science: Reports**, 3 (2015), p. 452-453.

³⁵ A falta de manutenção do porto é usada como argumento a favor da já mencionada hipótese de Gambash, de que a estrutura não faria parte de uma estratégia imperial, pois pode indicar um desinteresse dos governantes de Roma.

um porto grandioso, quase inimaginável e bem funcional, que a conectava com o mundo. Se Gambash está correto, o empreendimento se concretizou pela obstinação de Herodes e sua ambição de construção de um reino próspero e comparável aos grandes centros urbanos do império romano. Mas o empreendimento pode ter acabado por favorecer a expansão de outro Reino.

3 O PALÁCIO E OS CAMINHOS DA SEMÂNTICA

Paulo é preso em Jerusalém e levado a Cesareia. Ele fica detido no “pretório de Herodes” (ἐν τῷ πραιτωρίῳ τοῦ Ἡρώδου - At 23.35), então ocupado pelo procurador romano, Félix. Cinco dias depois, chegam o sumo sacerdote e outros judeus acompanhados de um orador. Em uma audiência com o procurador, a acusação é feita, e Paulo se defende. Félix, que tinha conhecimento bem exato do Caminho (ἀκριβέστερον εἰδὼς τὰ περὶ τῆς ὁδοῦ - At 24.22), não decide a questão. Sua ordem era no sentido de que Paulo permanecesse sob guarda, mas que tivesse um relaxamento (ἄνεσιν) no tratamento, e que, com relação a nada se proibisse que as pessoas ligadas a Paulo o servissem (μηδένα κωλύειν τῶν ἰδίων αὐτοῦ ὑπηρετεῖν αὐτῷ - At 24.23).

Não sabemos a que ponto chegava o tal relaxamento da prisão. Certamente, Paulo podia interagir com outras pessoas, ler e escrever. Parece que o apóstolo permanecia no próprio palácio. Quando queria falar com ele, Félix mandava chamá-lo. Em uma ocasião, o procurador estava com a esposa, uma mulher judia, que, por sinal, era bisneta de Herodes, o grande, filha de Agripa I, e chamou Paulo para saber “sobre a fé em Cristo Jesus” (περὶ τῆς εἰς Χριστὸν Ἰησοῦν πίστεως - At 24.24). O apóstolo cumpre sua tarefa dissertando a respeito da justiça, do autocontrole e do juízo vindouro (περὶ δικαιοσύνης καὶ ἐγκρατείας καὶ τοῦ κρίματος τοῦ μέλλοντος - At 24.25). É significativo que Lucas nos descreva assim o ensino a respeito da fé. Ao que parece, Paulo cumpre sua tarefa não se restringindo a um aspecto somente, mas tratando tanto da intervenção divina para a justificação do ser humano, quanto da vida cristã (possibilitada a partir da ação de Deus) e da perspectiva escatológica. Assim entendidas as palavras de Lucas, entende-se que há bastante congruência com relação às cartas paulinas.

Outra informação curiosa no trecho está na sugestão de que Félix chamava Paulo para muitas conversas esperando que ele lhe desse dinheiro

(At 24.26). Provavelmente, esperava um suborno em troca de mais regalias ou de apoio. Ao mesmo tempo, Félix também prolongava a prisão de Paulo para agradar os judeus (At 24.27). O apóstolo tinha em Cesareia experiências diversas. Conhecia de perto as intrigas da política romana, era acusado, defendia-se, e tinha a oportunidade de expor a fé para uma audiência complexa.

Dois anos depois, com Paulo ainda preso, Félix foi substituído por Festo. O novo procurador foi visitar Jerusalém, e os acusadores de Paulo não perderam a oportunidade de dar cabo do caso. Houve, então, uma nova audiência em Cesareia. Festo, ainda tentando agradar os acusadores, propõe a Paulo que se submeta a um julgamento em Jerusalém. Paulo recusa, e apela a César (At 25.11). Nesse momento, define-se sua viagem a Roma.

Não muitos dias depois, ainda em função do novo posto ocupado por Festo, chegam ao palácio em Cesareia Agripa e sua esposa para oferecer suas congratulações. Esse Agripa era filho do Agripa que morrera em Cesareia e, então, era bisneto de Herodes, o fundador da cidade. Era rei (sob domínio de Roma, obviamente) de um pequeno reino ao norte da Judeia. Festo comenta com Agripa sobre o caso de Paulo. O hóspede se interessa em conversar com o apóstolo. Nova audiência acontece. Agripa e Berenice entram com grande ostentação (μετὰ πολλῆς φαντασίας), junto com várias pessoas importantes. De modo contrário, Paulo simplesmente “é levado” (ἤχθη). Trata-se de um mero prisioneiro, ainda que tenha uma conversa e uma articulação de pensamento que despertam curiosidade.

A conversa parece ser um acontecimento, um entretenimento atípico para um visitante ilustre. Pode parecer, também, um tanto patética a cena, já que esse Agripa não carrega nenhum poder verdadeiro sobre a questão, se comparado ao poder que teriam tido em semelhante caso seu bisavô ou seu pai. Seu papel ali é mais de um curioso ou, se muito, de uma espécie de consultor, que auxiliaria a Festo a esclarecer o caso, ajudando a decidir o que escrever sobre Paulo a Roma.

Há detalhes semânticos a serem observados em falas desse encontro. Primeiro, quando Festo ainda introduz o caso, diz que sabia que Paulo não merecia pena capital, mas que, por ter apelado ao *Sebastós* (termo correspondente a Augusto, na língua grega) (τούτου ἐπικαλεσαμένου τὸν Σεβαστὸν - At 25.25³⁶), seria enviado. Embora essa seja uma forma de se referir ao César, a escolha do termo gera um duplo sentido, já que o porto de Cesareia tem justamente esse

³⁶ Note-se que, pouco antes no texto, quando Paulo faz o apelo aqui narrado por Festo, o termo utilizado é César: *Καίσαρα ἐπικαλοῦμαι* (At 25.11).

nome. Festo queria levar Paulo a Jerusalém, que está a leste, mas Paulo apela “ao porto”, que o afasta desse destino, levando-o a oeste. Festo, em uma fala ambígua, ainda que não intencional, faz entender que, por sua apelação, o que Paulo fazia era simplesmente se afastar de Jerusalém, que lhe representava perigo iminente.

Mais adiante, Festo interrompe o discurso de Paulo com um comentário curioso feito em alta voz: “Estás louco, Paulo! As muitas letras te deixaram louco!” (μαίνῃ, Παῦλε· τὰ πολλὰ σε γράμματα εἰς μανίαν περιτρέπει - At 26.24). É possível que, após poucos dias no palácio, Festo já tivesse atentado para a rotina de leituras de Paulo, além de seu trânsito em diferentes línguas e alfabetos.

O dado mais interessante, contudo, está no diálogo entre Paulo e Agripa. Após expor sua história pessoal e sua fé, o apóstolo escuta o rei dizer: ἐν ὀλίγῳ με πείθεις Χριστιανὸν ποιῆσαι. A frase pode ser traduzida como pergunta, ou como um simples afirmação: “Por pouco me convences a me tornar um cristão” (At 26.28). Trata-se de uma das três ocorrências do termo Χριστιανός, “cristão”, no Novo Testamento.

Também pelo livro de Atos, somos informados que, em Antioquia, os apóstolos foram chamados pela primeira vez de “cristãos” (At 11.26). Já em Pedro 4.16, temos a única ocorrência em que um dos “cristãos” usa o termo. Mas é bastante fácil perceber que, também ali, o termo é usado como um título acusatório aplicado por alguém de fora. A pessoa podia ser punida por ser ladrão ou por ser cristão. Melhor que fosse sob o título de cristão. Não se trata, inicialmente, de um uso afirmativo, mas de um acolhimento incômodo do termo. Tanto é assim que o escritor precisa instruir seu leitor a não se envergonhar do título, mas, paradoxalmente, gloriar a Deus com tal nome³⁷. Obviamente, ele atenta para a etimologia da nova alcunha.

Faz, pois, sentido a resposta de Paulo a Agripa I. O apóstolo não responde “sim, que sejam todos cristãos”. Ele usa um caminho alternativo. Não nega o conteúdo da fala de Agripa I, mas também não adota para falar de si o termo utilizado pelo rei: “Eu pediria a Deus que, em pouco ou muito tempo, não somente tu, mas também todos os que me ouvem hoje se tornassem *tal como eu sou*, exceto por estas correntes” (At 26.29). Ou seja: “Querida que fossem aquilo que eu sou.

³⁷ Essa rápida leitura que faço da ocorrência do termo em 1 Pedro 4.16 é corroborada por um estudo mais detido de David Horrell (HORRELL, David. The Label *χριστιανός*: 1 Peter 4:16 and the Formation of Christian Identity. In: *Journal of Biblical Literature*, 126, no. 2 (2007), p. 361-381).

Agora, o nome que se dá a isso não é o mais importante, não vou discutir isso”. Talvez haja mais: Paulo já percebe que o termo é usado como título de acusação (como em Pedro). Por isso, acrescenta: “como eu sou, exceto por estas cadeias”. Isto é, “O que eu sou está bem, e eu queria que vocês fossem isso também. Mas não deveria ser tomado como motivo de acusação”. É significativo o fato de que Lucas, que nos conta sobre os primeiros usos do termo, não o utilize para se referir aos seguidores do Caminho em momento algum, mas prefere, como em trechos antes referidos, usar discípulos ou irmãos.

Pois bem, a importância dessas conversas não deve ser subestimada. Elas revelam um momento crucial, em que a revelação de Cristo Jesus implica na necessidade de negociações tensas e encontros permeados de uma complexidade inevitável, que alcança a própria linguagem. Nessas conversas, nesse palácio, estão condensados pontos de tensão que se desdobrariam por séculos.

Os arqueólogos nos permitem saber com alguma precisão como era esse lugar em que Paulo esteve, e onde ocorreram as audiências que protagonizou. O retângulo cortado na rocha de uma formação rochosa que avançava mar adentro, que, como vimos, era chamado de “banhos de Cleópatra” ou simplesmente “piscina”, na verdade, era parte de uma estrutura maior. Tratava-se de uma piscina de 35m x 18m, bem-acabada com um reboco hidráulico, possibilitado pelo uso da *pozzolana*, trazida para ali para a construção do porto³⁸. Essa piscina, alimentada com água doce, estava integrada, dentro da parte baixa do palácio, cercada por passeios e colunas³⁹ (*idem*). Uma escada levava a outro grande retângulo, que continha um jardim em vez de uma piscina.

As plantas não duram dois milênios de modo que as possamos ver hoje. Contudo, Dafna Langgut, Kathryn Gleason e Barbara Burrell⁴⁰ desenvolveram uma pesquisa que nos permite saber quais eram as espécies plantadas no jardim do palácio. A parede celular do pólen, dizem as autoras, é a estrutura orgânica mais durável conhecida. Foram coletadas amostras do reboco das colunas que estariam perto da área do jardim. A expectativa era que a água utilizada para o reboco fosse

³⁸ PATRICH, Joseph. The Praetoria at Caesarea Maritima. In: ABKKAMP, R. und ESCH, Tobias (Hrsg.) **IMPERIUM** – Varus und seine Zeit. Münster: Aschendorff Verlag, 2010, p. 175.

³⁹ PATRICH, 2010, p. 175.

⁴⁰ LANGGUT, D.; GLEASON, K.; BURRELL, B. Pollen analysis as evidence for Herod's Royal Garden at the Promontory Palace, Caesarea. In: **Israel Journal of Plant Sciences**. (2015), p. 1-11.

retirada do jardim e contivesse pólen, ou que, enquanto o reboco estivesse ainda fresco, houvesse floração e o ar carregasse pólen que ficaria preso no material. Das várias amostras recolhidas, apenas em uma havia pólen, possivelmente por uma reforma no reboco em plena primavera. Os pólenes encontrados revelaram a presença de ciprestes, árvores de avelãs, sálvia e rosas no jardim. Essa composição é significativa por dois motivos. Primeiramente, porque o jardim se mostra semelhante aos jardins dos palácios contemporâneos da região itálica. Ademais, revela um esforço de controle da natureza, pois a árvore de avelãs, especialmente, não sobrevive naturalmente tão perto do mar, já que não resistiria à água salgada borrifada sobre suas folhas. As paredes do palácio protegiam as árvores. O rei se coloca como alguém que controla a natureza, e que consegue ter, no Levante, um jardim como dos nobres romanos.

Do jardim, olhando para o norte, encontra-se a sala de audiência. Ali, exatamente, Paulo deve ter tido as três importantes conversas antes mencionadas. Sabemos, inclusive, que o apóstolo estaria olhando para o norte enquanto naquelas ocasiões, já que junto à parede norte ficavam os assentos de honra do governador e dos membros de seu conselho⁴¹. Possivelmente, esteve preso não muito longe dali, mas a prisão não foi identificada arqueologicamente até o momento⁴².

Paulo estava em um palácio que lembrava edificações que ele já teria visto em suas viagens, e que antecipava o que encontraria na região de Roma. Não obstante, Joseph Patrich percebe uma semelhança mais específica com palácios construídos em Alexandria, cidade nunca visitada pelo apóstolo⁴³.

Não só o palácio teria semelhança com os palácios de Alexandria, mas a própria Cesareia como um todo refletiria aspectos daquela cidade. Ambas tinham um porto que se projetava para o mar, um templo sobre uma elevação direcionado para o mar, um teatro de frente para o mar (perto do Timonio, no caso de Alexandria). Perspicaz, Patrich ainda observa que Herodes visitara Alexandria (*B. J. 1.279; Ant. 14.375*), e que a cidade seria muito influente no âmbito das artes e da arquitetura, chegando a produzir efeitos inclusive em Roma⁴⁴.

⁴¹ PATRICH, 2010, p. 177.

⁴² PATRICH, 2010, p. 178.

⁴³ PATRICH, 2007, p. 123.

⁴⁴ PATRICH, 2007, p. 214.

APONTAMENTOS FINAIS

Nas primeiras décadas de sua história, o Caminho (da fé em Jesus como Cristo) teve importantes momentos na cidade de Cesareia. Ali, a radicalidade da missão entre os gentios tem sua primeira grande iniciativa⁴⁵. Ali, Paulo tem conversas paradigmáticas que espelham a complexidade de seu apostolado. A arqueologia nos permite ver o cenário praticamente não descrito no livro de Atos, que nos era conhecido somente por outras fontes textuais, sobretudo por Josefo.

Procurei demonstrar neste ensaio que a concretude da arqueologia nos faz perceber Cesareia como uma cidade viva (não um cenário imaginário), que permaneceu assim por séculos após a passagem dos primeiros seguidores de Jesus pela localidade⁴⁶. Nossa leitura pode ser enriquecida pela consciência de que os primeiros movimentos da fé em Cristo Jesus estão intrincados em lugares e personagens históricos bem identificáveis.

Além disso, o exercício realizado mostra que a visualidade possibilitada pela arqueologia não deve eclipsar o texto, sua sintaxe e semântica. Ao contrário, enquanto se recorre à arqueologia para ver o texto em cena, é preciso também aplicar-se ao estudo do texto em si, como discurso, com a atenção e a fineza do trabalho arqueológico, e, assim como o arqueólogo, mantendo a expectativa de encontrar ali algo que antes não era (ou que, pelo menos geralmente, não é) devidamente percebido. Um retângulo na rocha pode esconder um antigo palácio. Uma palavra aparentemente comum pode esconder uma questão complexa e instigante.

⁴⁵ Alguém poderia sugerir que, antes, há missão entre os samaritanos. Mas é significativo que os samaritanos não têm o mesmo estatuto dos gentios. Ainda que não sejam considerados como em unidade com os judeus, há características que lhes são próprias (como o apego à Torah) que impedem que sejam tidos simplesmente como qualquer gentio. Eles estão ainda em um limiar polêmico e tênue dotado de inevitável ambivalência. Cf. FELDMAN, Louis. *Josephus' Attitude Toward The Samaritans: A Study In Ambivalenc*. In: MOR, Menachem (ed.) **Jewish Sects, Religious Movements, and Political Parties**. Omaha (Nebraska): Creighton University Press, 1992, p. 23-45.

⁴⁶ O nome de Eusébio de Cesareia é suficiente para fazer lembrar a importância subsequente da cidade na história (e historiografia) cristã. Há, ainda, evidências arqueológicas que indicam uma vida litúrgica ativa em Cesareia durante o período bizantino e, possivelmente, a existência de uma capela dedicada a Paulo na cidade (PATRICH, Joseph. *Four Christian Objects from Caesarea Maritima*. In: **Israel Museum Studies in Archaeology**, 1, 2002, p. 21-32).

REFERÊNCIAS

- ADAMS, Sean. The Characterization of Disciples in Acts: Genre, Method, and Quality. In: DICKEN, F. and SNYDER, J. (eds.) **Characters and Characterization in Luke-Acts**. New York: Bloomsbury, 2016. p. 155-89.
- BEEBE, K. Caesarea Maritima: Its Strategic and Political Significance to Rome. In: **Journal of Near Eastern Studies**, v. 42, n. 3, (1983). p. 195-207.
- BRANDÃO, Jacyntho L. A “pura liberdade” do poeta e o historiador. In: **Ágora: Estudos Clássicos em Debate**, 9 (2007). p. 9-40.
- CAPORUSSO, Donatella et al. **De Gerusalemme a Milano: Imperatori, filosofi e dèi alle origini del Cristianesimo**. Milano: Civico Museo Archeologico di Milano, 2013.
- CARVALHO, José C. A marca de Cesareia Marítima na história do Novo Testamento e na missão paulina. In: **Revista Humanística e Teologia**, v. 19 (1998). p. 279-292.
- FELDMAN, Louis. Josephus' Attitude Toward The Samaritans: A Study In Ambivalenc. In: MOR, Menachem (ed.) **Jewish Sects, Religious Movements, and Political Parties**. Omaha (Nebraska): Creighton University Press, 1992. p. 23-45.
- GAMBASH, Gil. Caesarea Maritima and the Grand Strategy. In: **Skyllis: Zeitschrift für Unterwasserarchäologie**, 13. (2013). p. 53-58.
- GLEASON, Kathryn. The Promontory Palace at Caesarea Maritima: Preliminary Evidence for Herod's Praetorium. In: **Journal of Roman Archaeology**, v. 11, (1998). p. 23-52.
- GRUEN, Erich. Herod, Rome, and the Diaspora. In: JACOBSON, D. and KOKKINOS, N. **Herod and Augustus: Papers held at the IJS Conference, 21st – 23rd June 2005**. Leiden: Brill, 2009. p. 13-28.
- GOODMAN-TCHERNOV, B. N. and AUSTIN JR., J. A. Deterioration of Israel's Caesarea Maritima's ancient harbor linked to repeated tsunami events identified in geophysical mapping of offshore stratigraphy. In: **Journal of Archaeological Science: Reports**, 3 (2015), p. 444-454.
- HOHFELDER, R.; BRANDON, C.; OLESON, J. Constructing the Harbor of Caesarea Palaestina, Israel: New Evidence From the ROMACONS Field Campaign of October 2005. In: **The International Journal of Nautical Archaeology**, 36.2. (2007). p. 409-415.
- HORRELL, David. The Label *χριστιανός*: 1 Peter 4:16 and the Formation of Christian Identity. In: **Journal of Biblical Literature**, 126, no. 2 (2007), p. 361-381.
- JOSEPHUS. **The Jewish War**. Volume I: Books 1-2. Greek Text with translation by H. Thackeray. Harvard University Press, 1927.
- JOSEPHUS. **Jewish Antiquities**. Volume VI: Books 14-15. Greek Text with translation by Ralph Marcus and Allen Wikgren. Harvard University Press, 1943.
- JOSEPHUS. **Jewish Antiquities**. Volume VIII: Books 18-19. Greek Text with translation by Louis Feldman. Harvard University Press, 1965.
- LANGGUT, D.; GLEASON, K.; BURRELL, B. Pollen analysis as evidence for Herod's Royal Garden at the Promontory Palace, Caesarea. In: **Israel Journal of Plant Sciences**. (2015). p. 1-11.
- MCCOLLOUGH, David J. **Ritual Water, Ritual Spirit: An Analysis of the Timing, Mechanism, and Manifestation of Spirit-Reception in Luke-Acts**. 2014. 247f.

- Dissertation (PhD) - Middlesex University/London School of Theology, London.
- PHILO OF ALEXANDRIA. **Philo in ten volumes** (and Two Supplementary Volumes). COLSON, F.H., WHITAKER, G.H. (trads.). London:Heinemann; Cambridge, MA: Harvard University Press, 1929-1962.
- PATRICH, Joseph. Warehouses and Granaries in Caesarea Maritima. In: RABAN, A. and HOLUM, K. G. (eds.) **Caesarea Matitima: A Retrospective after two Millennia**. Leiden: Brill, 1996, p. 146-175.
- PATRICH, Joseph. Herod's Hippodrome-Stadium at Caesarea and the Games Conducted Therein. In: RUTGERS, L. (Ed.) **What Athens has to do with Jerusalem: Essays on Classical, Jewish, and Early Christian Art and Archaeology in Honor of Gideon Foerster**. Leuven: Peeters, 2002, p. 29-68.
- PATRICH, Joseph. Four Christian Objects from Caesarea Maritima. In: **Israel Museum Studies in Archaeology**, 1, 2002b, p. 21-32.
- PATRICH, Joseph. More on the Hippodrome-Stadium of Caesarea Maritima: a response to the comments of Y. Porath. In: **Journal of Roman Archaeology**, v. 16, 2003, p. 456-459.
- PATRICH, Joseph. Herodian Caesarea: The Urban Space. In: KOKKINOS, N. (Ed.) **The World of the Herod**. Stuttgart: Franz Steiner Verlag, 2007, p. 93-129.
- PATRICH, Joseph. The *Praetoria* at Caesarea Maritima. In: AßKKAMP, R. und ESCH, Tobias (Hrsg.) **IMPERIUM – Varus und seine Zeit**. Münster: Aschendorff Verlag, 2010, p. 75-186.
- PORATH, Y. Herod's Circus at Caesarea: a response to J. Patrich. In: **Journal of Roman Archaeology**, v. 16, 2003, p. 451-455.
- REINHARDT, E. et al. The tsunami of 13 December A.D. 115 and the destruction of Herod the Great's harbor at Caesarea Maritima, Israel. In: **Geology**, v. 34, no. 12, (2006). p. 1061-1064.
- The Greek New Testament**. Fourth Revised Edition Edited by Barbara Aland et ali. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2000.
- ZEITLIN, Solomon. Herod: A Malevolent Maniac. In: **The Jewish Quarterly Review**, vol. 54, No. 1 (1963), p. 1-27.